

Amores despedaçados: uma abordagem de Rakushisha e Cordilheira

Daniela Aragão²²

Elnice Albegaria Rocha²³

RESUMO:

Anita, uma escritora recém saída de um relacionamento amoroso e sob o impacto do suicídio de uma amiga, decide aproveitar o lançamento da tradução argentina de seu romance e sair por uns tempos do Brasil. Em Buenos Aires a autora vivencia uma série de dramas e inquietações que mesclam elementos reais e ficcionais. O drama da solidão se intensifica por meio da exploração do tema do desterritorializado, questão que permeia toda a narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Exílio; Solidão; Viagem.

ABSTRACT

Anita, a writer recently out of a loving relationship and under the impact of the suicide of a friend, decides to take advantage of the launch of translation Argentina of her book and leave for a few times Brasil. In Buenos Aires she lives in a series of tragedies and worries that merge real facts and fiction. The tragedy of loneliness intensifies through exploration of the theme of historical and cultural environment, issue that permeates the narrative.

KEY-WORD: Exile; Solitude; Voyage.

²² Doutora em Literatura Brasileira - PUC/RJ.

²³ Professora do Programa de Pós Graduação UFJF.

*Aqui tudo parece
Que era
ainda construção
E já é ruína
Tudo é menino, menina
No olho da
rua
O asfalto, a
ponte, o viaduto
Ganindo
pra lua
Nada
continua*

Caetano Veloso

Neste ensaio pretendemos analisar as obras “Rakushisha”, de Adriana Lisboa e “Cordilheira”, de Daniel Galera. Baseando-nos nas reflexões de Nelson Brissac, Zygmunt Bauman e Stuart Hall, objetivamos colocar em destaque a questão do estrangeiro através da análise de como se constituem as vivências e percepções daqueles indivíduos que saem de seu país de origem. Optamos por traçar um paralelo entre “Rakushisha” e “Cordilheira”, devido ao fato destas obras possuírem aspectos convergentes. Ambas trazem em destaque o tema do exílio no qual os protagonistas das obras vivenciam angústias, inquietações e descobertas em territórios distantes de sua pátria de origem:

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre. (E.Said, 2003, p. 46)

O sentimento de “despatriamento” percorre a convergência temática no traçado das narrativas que se entrecruzam também na abordagem do tema “amor”, pois

é sobretudo por meio da elaboração das relações amorosas permeadas de conflitos que Galera e Lisboa dão substrato à questão do exílio.

O tema do exílio e da viagem se apresentam como preocupações frequentes na arte contemporânea. Sobretudo o cinema e a literatura continuamente abordam as inquietudes que assolam a vida das pessoas que abandonam a pátria, por motivos diversos, dentre os quais a necessidade de buscar condições de vida profissional melhor, o desejo pela exploração do desconhecido, a fuga de problemas de ordem pessoal.

“Cordilheira, de Daniel Galera, é uma das obras que compõem o projeto “Amores Expressos”, elaborado pela Companhia das Letras. “Amores Expressos” reuniu dezesseis escritores brasileiros, entre eles Bernardo Carvalho, Luiz Ruffato, Sérgio Sant’Anna, Lourenço Mutarelli, Antonia Pellegrino e Paulo Scot. A partir da proposta contida no projeto, cada autor viajou para uma cidade do mundo, com o compromisso de extrair do passeio um material que resultasse num livro. Como sugere o título, o projeto “Amores expressos” propõe como questão fundamental em todas as obras a tematização do amor: sentimento que desponta repleto de contrariedades e singularidades que correspondem à aventura de cada personagem em terra desconhecida. “Cordilheira” dirige seu foco para a cidade de Buenos Aires, cenário no qual o autor narra os percalços da personagem Anita Von Ver Goltz, uma jovem escritora brasileira, que resolve passar uns tempos na capital argentina em função do lançamento de seu livro na Feira Internacional do livro, na Argentina. Embora “Cordilheira” dê destaque à cidade de Buenos Aires, constata-se que a descrição do seu cenário é por vezes suplantada pela dimensão que Galera atribui aos sentimentos interiores de Anita. Sem propósito definido ou significativas ambições renovadoras, a protagonista parte para lá seguindo uma força impulsiva: “[...] eu passaria um tempo em Buenos Aires. Não sabia por quanto tempo nem exatamente por quê, mas era a coisa certa a fazer” (GALERA, 2008, p. 29).

A dor da solidão é o ponto que marca a existência de Anita: “Tudo que eu estava pedindo da vida agora era família. Mas lá estava eu, sozinha em Buenos Aires” (GALERA, 2008, p. 36). O desejo de camuflar essa dor transparece na maneira obsessiva como ela procura ter um filho, para possivelmente cobrir um buraco existencial, ou um desejo maternal. A impossibilidade de gerar uma criança na relação aparentemente estável com o companheiro Danilo, conduz Anita a uma tentativa desenfreada de obter gravidez na terra desconhecida, Buenos Aires.

Em “Cordilheira”, Buenos Aires aparece sutilmente, mais nos bares e cafés do que nas grandes avenidas e no traçado das ruas e esquinas. Galera fala sobre as dificuldades que envolvem o processo de registro das informações:

Na primeira semana, eu estava muito consciente de que estava lá para conhecer a cidade com uma finalidade específica, transformá-la em cenário de uma história. Depois dos primeiros dias, cheguei à conclusão de que aquela não era a postura ideal. Se ficasse o tempo todo consciente da razão de estar lá, a minha experiência ia ser pouco instrumental, o que eu não queria. Então a partir da segunda semana esqueci minha função ali e me permiti conhecer e experimentar a cidade de maneira mais intuitiva e improvisada, confiando que depois eu conseguiria lembrar e recuperar essa experiência. (O GLOBO, 11/10/2008, p. 1)

Ainda que Anita tenha saído do Brasil destituída de planos e expectativas, a mudança de país aponta uma tentativa de rever sua própria identidade enquanto mulher, cidadã e escritora. Galera discute a problemática da existência e estatuto do escritor na contemporaneidade através das indagações e confrontos da protagonista diante de sua obra em processo de recepção. Subsiste um elaborado jogo de perspectivas que se misturam em ricas matizes em “Cordilheira”. Anita é uma personagem em mobilidade contínua, que ora posiciona-se como observadora da terra estrangeira, ora como a mulher estrangeira alvo de olhares desconhecido no momento em que assiste ao desenrolar das críticas dos leitores argentinos. A recepção irônica de Anita, demonstra que ela não reconhece seus escritos entre a classificação dos críticos: “Era um monte de besteiras. Clarice Lispector. Haja paciência. Nesse ponto parei de prestar atenção e dei uma olhada na plateia. Algumas pessoas me observavam” (GALERA, 2008, p. 49,50).

Por meio da personagem Anita, Galera coloca em cheque o problema da “auratização” da literatura. Em que lugar ficaria a boa literatura? Qual é a boa literatura? Seria a opinião dos críticos infundada, permeada de vícios e clichês? Literatura de consumo? Literatura de fruição? Literatura apenas para satisfazer o restrito ciclo pseudo-intelectual? Anita, ao renegar seu próprio texto, dá espaço para o ecoar da voz do autor, que critica a idealização da vida literária. A ideia romântica do “gênio”, que percorreu a literatura de Álvares de Azevedo e de outros autores do séc XIX, não pode persistir nos tempos atuais, em que tudo já perdeu seu caráter mágico, encantatório.

Na contemporaneidade vive-se o primado da reprodutibilidade técnica, da cópia, da repetição. Impossível ao artista assegurar a originalidade, os procedimentos da criação pós-moderna implicam pastiches, citações, sobreposições. A “aura” se deteriorou e resta-nos a melancolia e insatisfação permanentes. Anita escreve por ofício, e Galera em entrevista sobre “Cordilheira” coloca o dedo na ferida, ao questionar sobre a “aura” que reveste a produção dos que se auto intitulam “literatos”:

Não gosto muito da literatura vista como essa entidade acima do bem e do mal, um prédio majestoso ao qual autores merecedores terão a honra de acrescentar um quarto ou, pior, no qual qualquer pessoa que digite algumas páginas e as chame de literatura poderá construir seu puxadinho. Não acredito na importância desse prédio, talvez nem mesmo em sua existência. Eu vejo a literatura como uma experiência que se renova em cada leitor e autor, a partir de uma necessidade. A literatura é uma grande cidade que se espalha, não um palácio que se ergue em direção ao céu. Autores, críticos e grupos literários que decretam sua auto-importância à sombra desse palácio fajuto me irritam, e leitores que julgam a literatura pelo prisma dessa idealização tola me irritam mais ainda. Não gosto de gente que fala em nome da literatura. Antipatizo imediatamente com quem julga ter autoridade para se manifestar por ela. (O GLOBO, 11/10/2008, p. 1)

Neste sentido Galera por meio da invenção da trajetória diaspórica da personagem Anita, cria um discurso autoreferencial, metacrítico, cuja literatura é alvo de permanente análise no jogo que coloca a literatura em espiral. Nelson Brissac realça a questão do olhar estrangeiro, que ocupa uma posição de destaque no pensamento e na arte contemporânea. O olhar estrangeiro é matéria recorrente nas narrativas literárias e filmes, basta lembrarmos “Terra Estrangeira” (SALLES: 1996) e “Sob o céu de Lisboa” (WENDERS:1994). A obra do escritor Caio Fernando Abreu em quase toda a sua trajetória ilustra o percurso de um ou mais seres em permanente locomoção. Nele vida e obra, ficção e realidade estão imbricados, haja vista que durante sua existência, Caio viajou muito e escreveu contemplando uma diversidade de cenários. Seus personagens, a exemplo dos personagens de “Cordilheira”, também são em sua maioria angustiados, desencantados, perdidos no mundo. Mover-se para outras localidades pode ser um exercício de fuga ou tentativa de renovação, não há saídas no mundo de ruínas das

grandes cidades, resta a amargura:

Já li tudo, cara, já tentei macrobiótica psicanálise, drogas acupuntura, suicídio, ioga, dança, natação. Cooper, astrologia, patins, marxismo, candomblé, boate gay, ecologia, sobrou só esse nó no peito, agora faço o quê? (ABREU, 2005, p. 27)

De acordo com Brissac, o olhar inaugural do estrangeiro é capaz de ver tudo aquilo que o olhar viciado do habitante local não é mais capaz. Ou ainda segundo E.Said (2003):

O exilado sabe que, num mundo secular e contingente, as pátrias são sempre provisórias. Fronteiras e barreiras, que nos fecham na segurança de um território familiar, também podem se tornar prisões e são, com frequência, defendidas para além da razão ou da necessidade. O exilado atravessa fronteiras, rompe barreiras do pensamento e da experiência. (p. 58)

Na configuração arquitetônica das cidades, o estrangeiro observa detalhes nas formas e composições, pois para ele tudo é novidade, motivo de observação acurada e interesse. No mundo contemporâneo, a viabilidade do encontro do indivíduo com a cidade só se daria através da atuação de um olhar estrangeiro, ou seja, somente o indivíduo deslocado de seu lugar de vivência cotidiana, seria capaz de contemplar algo novo através da mobilidade. O olhar da turista Anita foca suas percepções em aspectos que possivelmente passariam despercebidos para os habitantes da cidade, como se estivesse sob a posse de uma lente de aumento, ela traz às claras os recônditos e as ruínas de Buenos Aires:

Sou uma péssima turista. Não tenho paciência nem capacidade de organização para planejar e seguir roteiros, não entendo mapas e me sinto sem rumo quando estou sozinha em lugares novos. Passei em frente à Casa Rosada, que estava em reforma com parte de sua fachada escondida atrás de andaimes e tapumes [...] Depois andei mais um pouco. O tempo todo tinha a sensação de estar indo em direção a lugar nenhum. Aquela parte de Buenos Aires me parecia tão grande. Avenidas grandes, prédios grandes, um imenso céu nublado. (GALERA, 2008, p. 38)

A constante presença na literatura do tema da diáspora e da migração, incita-nos a refletir sobre as transformações pela qual passou o conceito de identidade. As nações, desde sua formação, compostas num sistema de homogeneidade industrial, possuíam como marca definidora a territorialidade. Hoje não se pode mais delinear identidades seguindo essas prerrogativas, que definiam a identidade do indivíduo a partir de sua língua e seu território. Vive-se hoje no mundo da diversidade, em que a identidade é poliglota, multiétnica e migrante, composta pela mistura de vários elementos e nações. Possuir uma identidade cultural implica estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, unindo passado, futuro e presente numa linha ininterrupta. Conforme Stuart Hall: “Esse cordão umbilical é o que chamamos de “tradição”, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade” (HALL, 2008, p.29). No mundo contemporâneo, fala-se, cada vez mais, de identidades plurais, ou, mais especificamente, de identificações, que possuiriam um caráter provisório por estarem em constante devir. Segundo definição de Charles Taylor, a identidade estaria intrinsecamente vinculada à ideia de reconhecimento, pois:

Ela designa algo que se assemelha à percepção que as pessoas têm de si mesmas e das características fundamentais que as definem como seres humanos. A tese é que nossa identidade é parcialmente formada pelo reconhecimento ou ausência dele, ou ainda pela má percepção que os outros têm dela [...] o não reconhecimento ou o reconhecimento inadequado pode prejudicar e constituir uma forma de opressão, aprisionando certas pessoas em um modo de ser falso, deformado ou reduzido (TAYLOR, 1994, p. 41,42).

Para Taylor, essa noção de identidade ligada ao reconhecimento não pode ser compreendida sem que se tome como fato a questão do “dialogismo”, que consiste num aspecto essencial da condição humana. Os indivíduos adquirem as linguagens necessárias para a autodefinição, a partir da maneira como são levados a interagir com a linguagem daqueles com quem convivem. O sujeito pós-moderno não possui identidade fixa, essencial ou permanente, ele assume identidades diferentes em diferentes momentos, e que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente, conforme reflete Stuart Hall.

“Cordilheira” destaca o olhar da estrangeira Anita, contudo não aponta nenhum

projeto de afirmação identitária, seja ele composto pela exaltação de caracteres brasileiros ou argentinos. A história de amor que se desenrola na cidade de Buenos Aires, poderia florescer em qualquer outra cidade do mundo. A capital argentina é apenas pretexto para a evolução do romance entre Anita e Holden.

O mundo moderno baliza seu aspecto fluídico, na acepção de Bauman (2004): líquido. Vivemos sob o predomínio da inconstância, da escassez de todos os valores, da fugacidade, do efêmero, da rapidez sem propósitos, do individualismo, do medo e da solidão. As cidades modernas, destituídas de rastro e história, não habitam mais os homens. Os indivíduos perdidos agora percorrem as cidades obedecendo a movimentos automáticos, como se fossem robôs, sem vontades, desejos ou sonhos. A figura do *Flâneur* foi substituída pelo universo do negócio. Vale hoje o que rende lucro, dinheiro, vantagem. A perda da aura de todos os objetos e valores na era moderna proporciona a sensação de angústia dos seres humanos.

A ausência de sentido existencial é um dos fatores que impulsionam os movimentos migratórios. As pessoas, em muitos casos, viajam em busca de adquirir um novo sentido para a vida, “desviciar” o olhar automatizado. Nas palavras de Brissac:

Mas esta capacidade de apreender aquilo que desponta no longínquo, esta exigência de distância que é própria do paisagista, é um olhar hoje em extinção. A tendência no mundo moderno, da reprodução técnica, da cópia, é se apropriar das coisas. Aproximar-se de tudo. Não há mais a tensão entre o perto e o longe que compunha a paisagem. Tudo é uma só superfície. Aqui a existência da aura não é mais permitida. Teriam então a magia e o sentido das coisas se esvaído em definitivo? (BRISSAC, 1992, p. 73)

Em “Cordilheira”, Galera pouco descreve paisagens exteriores, sua ênfase recai sobre descrições interiores, justamente pela consciência da falência das grandes narrativas identitárias que a exemplo do projeto nacionalista de Mário de Andrade, explicitado em *Macunaíma*, apresentavam uma série de parâmetros simbólicos determinantes da originalidade da identidade nacional.

Anita e os demais personagens do romance são seres perdidos no turbilhão da cidade de Buenos Aires. Na posição de turista, ela é uma constante observadora

solitária, que não consegue diluir suas angústias na novidade apresentada pelas atrações glamorosas de Buenos Aires. Permanentemente inquieta, refugia-se no consumo, outra das faces da sociedade líquida.

“Rakushisha”, de Adriana Lisboa, não constitui uma obra do projeto “Amores Expressos”, entretanto ele se assemelha consideravelmente em sua proposta temática. Neste caso, a autora obteve um financiamento para viajar para o Japão e escrever um livro, traçando suas impressões sobre o país. Ela desenvolve uma história de amor que envolve o cenário da cidade e da poesia de Bashô. Segundo a autora:

Meu interesse por Bashô veio da leitura de seus haikais traduzidos pelo Manuel Bandeira, autor que norteou a escrita do meu último romance, um beijo de colubina. Também fiquei bastante interessada numa menção a Bashô e a um de seus diários [...] ²⁴

“Rakushisha” é uma narrativa que também dá primazia à vivência interior dos personagens, a exemplo de “Cordilheira”. Adriana Lisboa desvela as peculiaridades da cultura japonesa através dos personagens Celina e Haruki. Sob a perspectiva do olhar de um oriental ocidentalizado, a autora expõe as nuances contraditórias do Japão moderno.

A estrutura fragmentária do romance evidencia o aspecto descontínuo que marca as percepções dos personagens, em que as vozes dos protagonistas se misturam com os versos do poeta japonês Bashô. Literatura e vida também se entrecruzam nesta obra, cujo lirismo esgotado na vida, tenta ser resgatado por meio da transcendência poética. A literatura de Bashô, na verdade, é um dos personagens condutores da narrativa, pois ela é responsável pelo movimento de Celina e Haruki. Os rastros do percurso poético e existencial de Bashô, são percorridos e desvendados pela curiosidade ávida dos estrangeiros. Adentrar no universo criador de Bashô é uma maneira de estar mais integrado com a essência japonesa, e ao mesmo tempo talvez distanciado do próprio cerne:

Ir deixando que a terra de Bashô chegue pelos cinco sentidos, se aninhe nos pulmões, fique impressa nas digitais, ondule em chá verde sobre a língua, toque nos tímpanos um grande sino de templo zen, mesmo que embaraçado em timbres distintos e profusos de telefones celulares

²⁴ (www.adrianalisboa.com.br/publicacoes/liv_Rakushisha)

[...] Sobretudo, deixar que a terra de Bashô se estampe nos olhos e na memória dos olhos, ainda que em meio a toda poluição visual deste Japão trezentos anos depois. (LISBOA, 2007, p. 122)

O Japão descrito nas páginas de “Rakushisha”, pouco revela de seu cenário urbano, fato que ocorre também em “Cordilheira”. Adriana Lisboa não traça com precisão o desenho da cidade Kyoto, a configuração arquitetônica da *urbis*, onde se espremam casas, prédios, monumentos e demais interferências. A cidade é espaço-refúgio, em que a personagem Celina tenta bloquear a dor pela perda da filha Alice e do fim do casamento com Marco. Assim como Anita, Celina também sai do Brasil sem perspectivas, ou desejos de transformação, segue apenas um impulso de sua alma desencantada:

Se vim para lembrar – se vim para esquecer. Se vim para morrer ou para me vacinar. Talvez eu descubra. Talvez nunca seja possível descobrir, desvelar, levantar o toldo [...]” (LISBOA, 2007, p. 122).

Dispersos, interrompidos, irrealizados, os amores em “Rakushisha” se definem pela descontinuidade. Celina e Haruki são indivíduos assinalados por perdas e insatisfações amorosas. A incomensurável fragilidade dos vínculos humanos e o permanente sentimento de insegurança, ocasionam desejos conflitantes que se exteriorizam na angústia que assola os personagens. Eles alegoricamente representam o homem como ser sobrevivente do mundo contemporâneo, indivíduo transformado em objeto de consumo para ser descartado, como um aparelho eletrodoméstico. O anseio pela segurança afetiva proporcionada pelo encontro pleno com o outro, a cada momento se torna uma busca mais obsessiva e distante, visto que a necessidade de assegurar os benefícios da vida individualista, cada vez afasta mais a concretização amorosa. Zygmunt Bauman em “Amor Líquido” argumenta:

Será que os habitantes de nosso mundo moderno não são exatamente como os da Leônia, preocupados com uma coisa e falando de outra? Eles garantem que seu desejo, paixão, objetivo ou sonho é “relacionar-se”. Mas será que na verdade não estão preocupados principalmente em evitar que suas relações acabem congeladas e coaguladas? Estão

mesmo procurando relacionamentos duradouros, como dizem, ou seu maior desejo é que eles sejam leves e frouxos, de tal modo que, como riquezas de Richard Baxter, que “cairiam sobre os ombros como um manto leve”, possam “ser postos de lado a qualquer momento”? (BAUMAN, 2004, p.11)

O desencontro é a tônica de “Rakushisha”. Celina e Haruki partem para o Japão, entretanto, cada um carrega consigo frustrações e desejos que interrompem a possibilidade de um encontro amoroso pleno. Seres cindidos, ambos continuam solitários no outro lado do mundo, cultivando o passado e vivendo o presente em estilhaços. A solidão aguçada pela convivência numa espécie de “solidão a dois” “compartilhada” em terra estrangeira, reforça o mergulho interior de cada um dos personagens. O questionamento sobre o lugar que ocupa no mundo consiste numa das inquietudes que despontam da mente de Celina: “Gosto dessa familiaridade da estranheza, de que de repente me dou conta [...] Qual é o lugar que ocupo no mundo? Tem nome, esse lugar? Tem dimensões?” (LISBOA, 2007, p. 89)

O sentimento de ser um deslocado, desterritorializado, inadaptado, impregna o imaginário tanto de Celina como de Haruki. Especialmente Haruki encontra-se bipartido entre a herança nipônica, que carrega sua conformação genética, e a formação brasileira, que adquiriu durante toda a sua vivência no Brasil:

Haruki sentia-se integralmente desajeitado, como se fosse o antônimo daquela bola colorida de origami. Tão atrasado, tão deselegante e antinipônico, que direito ele tinha de sair por aí usando um par de olhos puxados? (LISBOA, 2007, p. 15)

Na contemporaneidade, comunidades inteiras e indivíduos estão em permanente movimento: são passageiros metropolitanos que experimentam diferentes culturas, línguas e países. Paralelamente a esses deslocamentos, as cidades têm perdido uma parcela de seus caracteres originais, em virtude da massificação imposta pelo sistema mercadológico, e pelo processo de aceleração que subverte toda a antiga temporalidade. As cidades contemporâneas devem ser contempladas através do desenvolvimento de um novo olhar, apto a assimilar a superficialização que delibera os cenários transmudados:

vive-se a exacerbação da imagem, cuja vida é uma fusão de ficção e realidade; o mundo se converte num cenário e os indivíduos em personagens. A imagem prepondera, absoluta.

Esse acelerado processo de transformação dos cenários das cidades, que perdem continuamente seus traços identitários, se reflete também em relação à sucessiva perda das marcas definidoras da identidade dos indivíduos. A globalização é responsável pela subversão dos modelos culturais herdados aos moldes essencializantes e homogeneizantes. As identidades dos homens antes arquitetadas como estabelecidas e definidas, estão sofrendo mutações desestabilizadoras, como nos explica S. Hall ao expressar-se sobre as migrações contemporâneas livres e forçadas:

mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados Nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo” (HALL, 2008, p. 32).

Em “Cordilheira”, embora Anita estabeleça de fato relações de afeto com habitantes de Buenos Aires, é sempre como a outra, deslocada, despatriada, que ela vai se posicionar diante dos nativos. Há que se frisar que predomina a defasagem entre os desejos e sonhos da personagem e a realidade das cidades porque a cidade é o espaço do encontro, da troca, da reconstrução, mas também da decadência, da demolição. Italo Calvino, em “As Cidades Invisíveis”, discorre liricamente sobre a cidade idealizada pelo viajante:

Quem viaja sem saber o que esperar da cidade que encontrará ao final do caminho, pergunta-se como será o palácio real, a caserna, o moinho, o teatro, o bazar. Em cada cidade do império, os edifícios são diferentes e dispostos de maneiras diversas: mas, assim que o estrangeiro chega à cidade desconhecida e lança o olhar em meio às cúpulas de pagode e claraboias e celeiros, seguindo o traçado de canais hortos depósitos de lixo, logo distingue quais são os palácios dos príncipes, quais são os templos dos grandes sacerdotes, a taberna, a zona. Assim – dizem alguns – confirma-se a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares. (CALVINO, 2002, p. 34)

A questão da estrangeiridade das línguas é um dos aspectos primordiais que acentua o estado de despatriamento do estrangeiro. No romance de Galera há uma certa familiaridade entre os idiomas, a língua portuguesa e espanhola possuem laços de parentesco. Já em “Rakushisha”, subsiste um profundo estranhamento do idioma, a estrutura gramatical da língua japonesa é absolutamente diferente da língua portuguesa.

O encontro fortuito entre Haruki e Celina ocorre justamente pela sedução exercida pelo exotismo da língua japonesa. A estética da composição poética japonesa chama a atenção da mulher e enriquece o jogo de atração do homem. Haruki se biparte entre as faces de japonês e brasileiro, expressando a angústia de um ser fragmentado, que apresenta traços físicos que o ligam ao berço japonês, mas sequer sabe pronunciar poucas palavras desse idioma “estranho” ou “tirar da mochila um livro em japonês e folheá-lo, interessado, como se estivesse entendendo alguma coisa”.

O desvelar da linguagem poética de Bashô é o procedimento que une Haruki a Celina e fornece mais sentido à existência de ambos. Os poemas de Bashô carregam um forte substrato existencial, que dá mais motivação para Celina conduzir sua vida e reavaliar seu passado. Ao mesmo tempo, o movimento de Haruki se efetua todo em função dos rastros deixados por Bashô: “Ja para Sagano, o tranquilo distrito de Kyoto onde ficava Rakushisha, a cabana no diário de Mastuo Bashô ...Rakushisha. Dava para sentir os grãos das consoantes na língua”(LISBOA, 2007, p.18)

Conforme explicita Bhabha, é através da opacidade das palavras que nos defrontamos com a memória histórica da nação ocidental, que é “obrigada a esquecer”. Destituídos da posse da língua (estrangeira) que liga o saber e o ato, Celina e Haruki vivem cerceados por silêncios e interjeições. A própria estrutura fragmentária do romance, que superpõe vários discursos, mostra as cesuras que rasuram “Rakushisha”. A morte é metaforizada através das cesuras que compõem os romances de Adriana Lisboa e Galera. Celina e Anita são mulheres que vivem a vida sob o fantasma da morte pois, como nos explica Jeanne Marie Gagnebin, a cesura:

Impõe uma advertência imperiosa a esta pretensão de absoluto e de infinito de um discurso que funda sua competência no seu próprio desenvolvimento; pela parada, pela queda súbita da linguagem, ela marca seu fim, sua morte e o que, nessa última exaustão, seria uma fonte indizível. (GAGNEBIN, s/d, p. 106)

A composição em forma de diário em “Rakushisha”, libera a expressão de uma linguagem permeada de cortes, cesuras. Importante reafirmar que o olhar estrangeiro capta uma multiplicidade de imagens estilhaçadas em desordem na cidade; este olhar é o de um espectador que vai montando sua história, encaixando as peças do quebra cabeças que se ergue a partir da fusão entre seu arquivo pessoal e as imagens adquiridas. O arquivo de uma pessoa pressupõe impressões, marcas e inscrições, além do armazenamento e a preservação das impressões, conforme Jacques Derrida que em “Mal de Arquivo” pontua que todo arquivo implica um lugar de consignação, um lugar de reunião dos signos e uma técnica de repetição.

Os personagens de “Cordilheira” e “Rakushisha” se deslocam, mas permanecem transportando seus arquivos de vivências. No arquivo de Anita estão inscritas uma série de marcas: morte do pai, perda da amiga, alegrias e fracassos. Celina tem inscrita a perda da filha, o casamento fracassado, alegrias e decepções. Haruki carrega a forte marca de uma identidade mal resolvida. Assim, as duas narrativas, assim como outras obras e filmes que tratam sobre a questão do estrangeiro, revelam uma proliferação de impasses que situam a questão do estrangeiro no campo fluido das indefinições. No transcorrer da escrita, lembramos da personagem Alex, interpretada por Fernanda Torres, no filme “Terra Estrangeira”, de Walter Salles (1996). A jovem que parte de São Paulo para Lisboa em busca de ascensão profissional e da resolução de seus problemas existenciais, uma vez em Portugal, um país que fala a mesma língua, sente-se cada vez mais solitária, estrangeira: “não depende do lugar, quanto mais tempo passa, mais eu me sinto estrangeira”. A migração, para a personagem do filme de Walter Salles, e para tantos outros indivíduos, realiza-se como um exercício de constante privação, afirmação, superação. Mesmo que os personagens de “Rakushisha” e “Cordilheira” tenham “planejado” viagens de curta duração, todos viveram suas angústias, desejos, expectativas e frustrações, que são habituais no contexto daqueles que migram.

Neste estudo, fizemos uma breve análise de “Rakushisha” e “Cordilheira”, objetivando demonstrar como se desenvolve a questão do estrangeiro nestas narrativas considerando-se a importância desta temática nos estudos literários da contemporaneidade. As obras de Adriana Lisboa e Daniel Galera se entrecruzam em vários aspectos no que diz respeito ao tratamento do tema do “estrangeiro” e apontam para a ausência de saídas. Alternando sonhos e desencantos, “Rakushisha” e “Cordilheira” constituem, sobretudo, romances que alegorizam a solidão.

REFERÊNCIAS

ABREU, Caio Fernando. *Morangos mofados*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BENJAMIN, Walter. *A modernidade na era de sua reprodutibilidade técnica*. In:

_____. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BRISSAC, Nelson. *O olhar estrangeiro*. In: NOVAES, Aduino. (org). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. *É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nelas?* São Paulo: Revista USP, n 15, 1992.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo. Uma impressão Freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FERRAZ, Eucanaã. *Letra só*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

GALERA, Daniel. *Cordilheira*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

GAGNEBIN, Marie Jeanne. *História e cesura*. In: GAGNEBIN, Marie Jeanne. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, s/d.

HALL, Stuart. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LISBOA, Adriana. *Rakushisha*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2003.

TAYLOR, Charles. *Multiculturalismo. Différence et démocratie*. Paris: Flammarion, 1994.